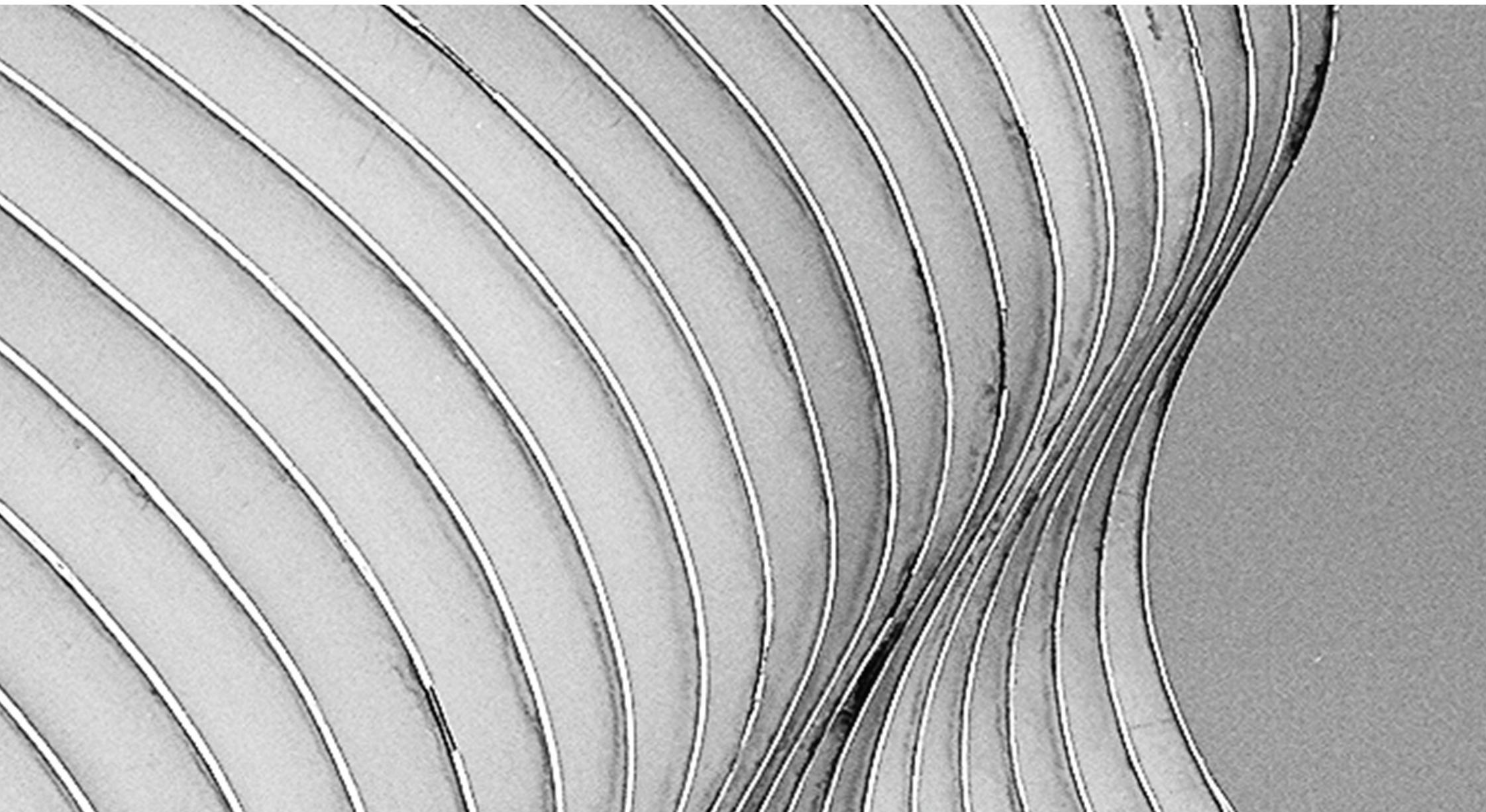
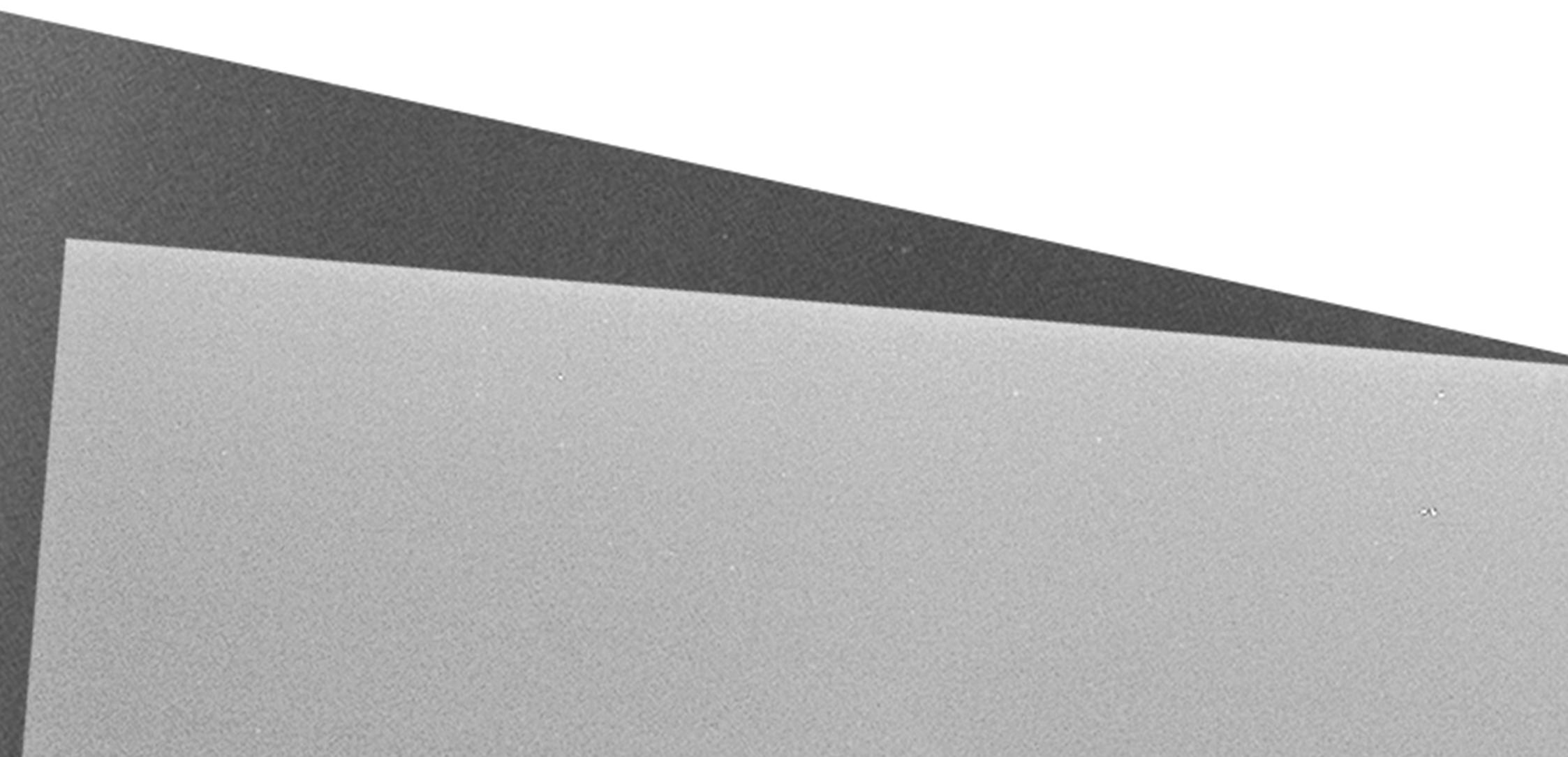


IMERGIR

PAISAGENS MONTADAS - LUIZA BONGIR





IMERGIR

P A I S A G E N S M O N T A D A S - L U I Z A B O N G I R

ORIENTAÇÃO ELISA CAMPOS <<
ARTES GRÁFICAS <<
ESCOLA DE BELAS ARTES UFMG <<
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO <<

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO << 1
pagina 03

PRIMEIRAS IMPRESSÕES << 2
páginas 04

FOTOGRAFIA QUÍMICA ANALÓGICA << 3
páginas 06

ARTES GRÁFICAS << 4
páginas 08

LABORATÓRIO FOTOGRÁFICO << 5
páginas 12

PAISAGENS MONTADAS << 6
páginas 16

IMERGIR << 7
páginas 22

PROJETO EXPOGRÁFICO << 8
pagina 24

BIBLIOGRAFIA << 9
pagina 25

liv. que este livro do
Rilke, seja seu
aliado neste momento
"Crescer" é "mais
é bom. "mais
solidas" mais
estáuas" mesmo
com nós sempre
leia. "o descubra
e beleza de gorda
bela" bp-

RAINER MARIA RILKE

Cartas a um jovem poeta

Tradução de PEDRO SÜSSEKIND

APRESENTAÇÃO

“Obras de arte são de uma solidão infinita, e nada pode passar tão longe de alcançá-las quanto a crítica. Apenas o amor pode compreendê-las, conservá-las e ser justo em relação a elas. Dê razão sempre a si mesmo e a seu sentimento, diante de qualquer discussão, debate e introdução; se o senhor estiver errado, o crescimento natural de sua vida íntima o levará lentamente, com o tempo, a outros conhecimentos. Permita a suas avaliações seguir o desenvolvimento próprio, tranquilo e sem perturbação, algo que, como todo avanço, precisa vir de dentro e não pode ser forçado nem apressado por nada. Tudo está em deixar amadurecer e então dar à luz.

Deixar cada impressão, cada semente de um sentimento germinar por completo dentro de si, na escuridão do indizível e do inconsciente, em um ponto inalcançável para o próprio entendimento, e esperar com profunda humildade e paciência a hora do nascimento de uma nova clareza: só isso se chama viver artisticamente, tanto na compreensão quanto na criação.

Não há nenhuma medida de tempo nesse caso, um ano de nada vale, e mesmo dez anos não são nada. Ser artista significa: não calcular nem contar; amadurecer como uma árvore que não apressa a sua seiva e permanece confiante durante as tempestades de primavera, sem o temor de que o verão não possa vir depois. Ele vem apesar de tudo. Mas só chega para os pacientes, para os que estão ali como se a eternidade se encontrasse diante deles, com toda a amplidão e a serenidade, sem preocupação alguma. Aprendo isto diariamente, aprendo em meio a dores às quais sou grato: a paciência é tudo!”

(RILKE, 2009: 35)

Ao ingressar na universidade minha mãe me presenteou com o livro “Cartas a um jovem poeta” do poeta alemão Rainer Maria Rilke. O livro se tornou um amigo, foi lido e relido ao decorrer da minha trajetória acadêmica. Encontrei no jovem Franz Kappus algumas identificações. A insegurança de quem está começando a buscar sua profissão e a dor da transformação da vida adulta. Rilke, troca mais do que cartas com o jovem poeta Kappus, o contempla com suas reflexões sobre a vida e a arte.

Atualmente, sem tanta pressa consigo ser mais generosa ao meu crescimento e processo artístico. E é sobre essa vivência que discorro nesse texto.

PRIMEIRAS IMPRESSÕES



Desde que me entendo por gente a imagem faz parte da minha formação; estive em contato desde muito nova com expressões artísticas e cenários culturais. Tenho sorte por ter uma mãe que sempre incentivou e acreditou que a cultura é um bem precioso, um agente transformador na nossa sociedade. Por conta dessa criação, acompanhava minha mãe em exposições, concertos, shows, teatro e cinema. Posso dizer que a criatividade era matéria extracurricular dentro de casa e também uma forma de dialogarmos. É necessária essa contextualização, pois esses primeiros contatos são minha base. A partir dessas experiências fui moldando minha personalidade enquanto mulher, estudante, fotógrafa e artista.

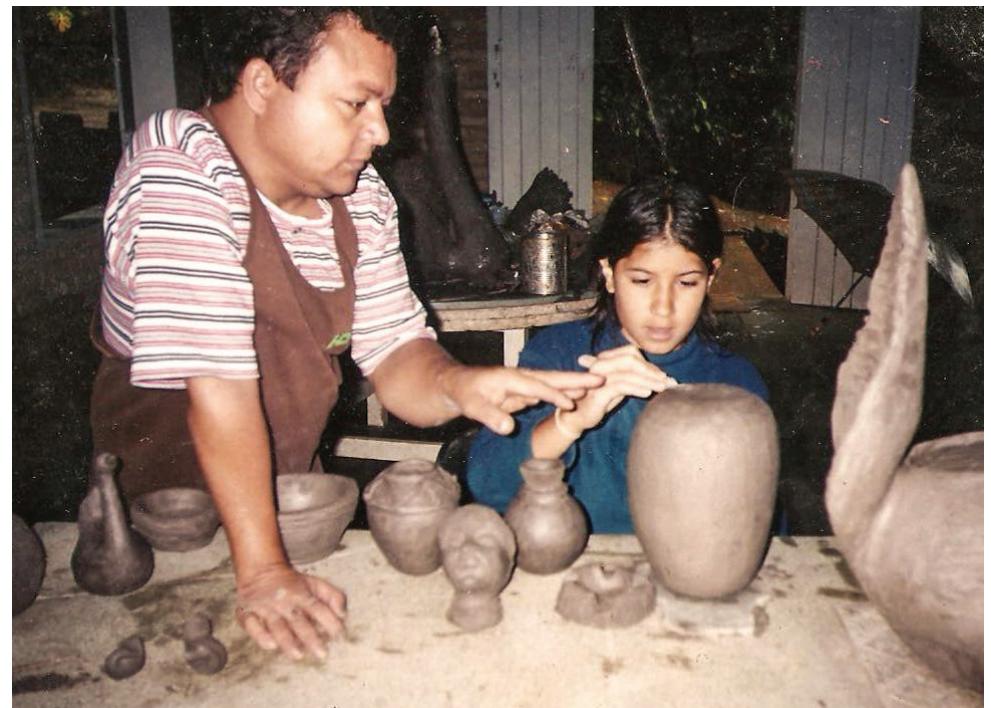
A fotografia também se fez importante desde cedo: quando criança me sentia maravilhada por uma pequena câmera conseguir congelar um momento e achava incrível como as memórias, instantes e sentimentos eram ativados ao revisitar um álbum de fotografias. Uma das lembranças que tenho é de sempre pedir para ver fotos quando chegava na casa de outras pessoas. Por um longo tempo entendia a fotografia como possibilidade desses registros, entretanto, demorei até associá-la à arte.

Ingrediei na Escola de Belas Artes da UFMG em 2011 e meu foco era aproveitar ao máximo todas as matérias de fotografia. Ser fotógrafa era o meu objetivo, através do aprendizado sobre seus fundamentos e práticas, pois não tinha, a priori, ambição de ser artista. Foto, para mim, ainda não era arte e sim registro. Percebia o curso como um meio de chegar a esse conteúdo específico, mas os contatos iniciais com matérias do ciclo básico ampliaram meu conhecimento e contato com a arte. Foi assim que comecei a enxergar imagem em tudo, não somente na fotografia, mas em vídeo, pintura, escultura, desenho e mesmo no discurso conceitual. Em linhas gerais, a imagem é a representação visual de uma expressão ou ideia. A partir do momento em que eu tive esse entendimento, pude ver que o artista não limita o fotógrafo, ser um não exclui necessariamente ser ambos. Ao contrário, a arte agrupa amplitude de visão, sensibilidade, repertório e crítica para que o fotógrafo/artista, através do processo fotográfico, consiga se expressar.

Foi assim que a fotografia deixou de ser, para mim, somente registro de momentos, para se tornar uma forma de expressão e reflexão. Minha maneira de olhar para o mundo e dialogar com ele.

Concluindo a minha graduação, após cinco anos de imersão no universo artístico, consigo entender o quão sábia minha mãe foi ao me encantar com sua rica bagagem cultural, desde os livros de poesia, à música e às aulas de pintura. Por mais que na infância não entendamos toda a complexidade de algumas temáticas, o contato com a arte traz uma reflexão lúdica, alimenta a criatividade, a sensibilidade e assim nos tornamos seres mais humanos, tolerantes e mais articulados.

A arte para mim é um processo de crescimento, é se (re)conhecer na diversidade, se expressar através de todas as experiências vividas e sentidas. Arte é conexão.



1. Minha fotografia preferida de minha mãe, Rio Doce (MG), 1977 - 2. Primeiros contatos com a arte, um dos desenhos feitos por mim aos 2 anos, 1993 - 3. Curso de cerâmica no Salão do Encontro, Betim (MG), 2003.

FOTOGRAFIA QUÍMICA ANALÓGICA



Foi no segundo período de formação na Escola de Belas Artes que consegui me matricular em uma matéria de fotografia. Estava ansiosa pelo que viria, pois, apesar de já fotografar há alguns anos, antes mesmo de entrar na faculdade, nunca havia estudado fotografia. Era, até aquele momento, uma fotografia autodidata.

A maior surpresa no curso foi a descoberta da fotografia química analógica. O uso do negativo ainda é possível, ele segue uma estética e linguagem distintas do universo digital. Entretanto, eu pensava que esse segmento, de fotografia havia se extinguido com o surgimento dos pixels¹, ficando em segundo plano em relação à fotografia digital, no séc. XXI. Questões como custo de material, rapidez de processamento e reproduzibilidade fizeram com que as câmeras digitais se tornassem predominantes no mercado atual. Isso mudou o perfil do fotógrafo, a relação da sociedade com a fotografia e também a relação do artista com essa linguagem.

Em contraponto com a fotografia digital, que é rápida, em grande escala de produção e com sistema cada vez mais automatizado, a fotografia analógica pede calma, atenção, apuro técnico e conhecimento. Eu estava diante de um processo totalmente diferente de tudo que conhecia: o número de fotos era limitado, não havia nenhum controle imediato para que eu soubesse que as imagens estavam saindo exatamente como queria. Para não perder muitas poses do filme era necessário dominar questões da técnica fotográfica, como a abertura do diafragma, velocidade do obturador, ambientar com o fotômetro, além de conhecer as especificidades dos filmes, que até então eu não sabia, e eram diversas.

Fiquei extremamente fascinada, até porque tudo que aprendia da mecânica da fotografia analógica era aplicável em questões técnicas da fotografia digital. Eu comecei a entender o processo fotográfico, a ter uma maior intimidade e controle com o material, o pensamento começou a atuar antes do ato de fotografar. Foi o primeiro passo para o amadurecimento de meu olhar.

¹ Unidade mínima de cor-luz que, juntamente com outros do mesmo tipo, compõem imagens digitais na tela; ponto.

Fascinada por esse processo, comprei minha primeira câmera de filme, totalmente mecânica. Comecei a fotografar como nunca: no período de um ano, foram mais de 20 filmes operados, dentre eles, filmes de ASA² 100-3200, preto e branco, coloridos, slides³. Entendendo todo esse processo como um aprendizado, um exercício do olhar, não buscava nessas fotos um trabalho artístico. Minha busca era dominar a nova câmera e registrar o que estava vivendo naquele momento.

Durante esse período eu fotografei meu cotidiano, as pessoas com quem convivia, os lugares por onde andava. Alguns filmes ficaram sem revelar por um intervalo que deve ter durado uns seis meses. Quando os revelei, o cenário começou a mudar. Esse intervalo de tempo foi importante para que eu conseguisse enxergar possibilidades entre um negativo e outro, ideias surgiram a partir das novas imagens, algumas repetições me chamaram a atenção. Enfim havia, em algumas fotos, espaços que se abriam para uma reflexão. O que antes era apenas exercício e compulsão, passou a ser pensado como um trabalho artístico.

Dupla exposição em filme 35mm colorido, experimentando composições gráficas. Rio de Janeiro (RJ).



² O índice ASA mede a sensibilidade do filme à luz. Quanto maior o índice ASA, mais sensível à luz é o filme.

³Filmes positivos coloridos (também conhecidos como “reversíveis”, “slide”, ou “cromos”) formam a imagem positiva, ou slides, quando revelados normalmente.

ARTES GRÁFICAS

Ao terminar o ciclo básico do bacharelado em Artes Visuais, teria que optar por uma habilitação entre Artes Gráficas, Desenho, Escultura, Gravura ou Pintura. Essa escolha direciona nossas matérias para uma área de estudo e atuação mais específica. Minha escolha foi Artes Gráficas. Estar em contato com matérias de diagramação, planejamento visual gráfico, tipografia, ilustração e projeto, possibilitaria trabalhar de forma nova conceitos fotográficos e artísticos. Uma linguagem gráfica, então, nascia na minha formação. Gradativamente meu olhar se tornou mais atento aos grafismos cotidianos, de tal forma que, atualmente, ao pensar em composições e enquadramentos, as linhas e formas geométricas são buscas constantes.

Cada professor contribuiu com sua bagagem para esse nutrir gráfico e alguns trabalhos realizados foram importantes para meu desenvolvimento. Não atoa que pedi à professora Elisa Campos orientação, pois dois trabalhos realizados em uma de suas matérias foram importantes em minha trajetória na graduação.

O “Livro Violado” foi um deles, surgindo com a proposta de me apropriar e interferir em um livro e ressignificá-lo enquanto objeto artístico. A experiência de colocar em prática conhecimentos que havia aprendido ao longo da habilitação fora fundamental para que pudesse ver em mim também a artista, e não só a fotógrafa que sempre almejara. Era entre formas, linhas, recortes, desenhos, poemas e fotografias, que eu via a aplicação das Artes Gráficas. O exercício era puro tropicalismo, “proibido proibir”. O resultado foi o “Meu Baticum violado”. Anteriormente “Baticum”, o livro de Sônia Lins se transformara em um caderno de memórias, como seria o meu registro se aquelas histórias fossem minhas. O livro, incrível como obra, ajudou-me a realizar um trabalho do qual me orgulho.



“Meu Baticum Violado”, exposição Livro Violado, FaE UFMG, 2014.

Outro importante evento foi a exposição “Entrelinhas”, onde a proposta era sair da lógica do “cubo branco” para ocupar espaços não convencionais, no caso, o pergolado do Parque Municipal de Belo Horizonte. Instalados em meio a tanta natureza, tínhamos ali vários desafios. Um deles, que o público pudesse conviver com as obras, de forma que a experiência fosse essa junção da arte e do ambiente onde ela se encontra. Também realizamos ali um exercício de *descondicionamento* da expectativa de uma galeria, de paredes vazias e brancas. O trabalho que criei para essa exposição foi uma homenagem à fotografia analógica, só que dessa vez ela não seria a forma de produzir a imagem, mas sim “o resultado final”. Usei a estrutura do pergolado para instalar imagens em sequência, simulando filmes fotográficos. As fotos foram feitas digitalmente e impressas em papel vegetal. Criei uma espécie de *backlight*⁴ natural, semelhante a um filme de slide, para que as pessoas visualizassem as cenas através da luz.

Esteiras de palha e almofadas foram colocadas no chão, para que pudessem se deitar, sentar e conviver com o trabalho, ou tirar um breve cochilo, claro.

Minha habilitação foi fundamental para que eu adquirisse conhecimentos que hoje, são a base para meu trabalho como fotógrafa: conceitos e práticas despertaram em mim um olhar gráfico para o mundo.

⁴ Painel impresso ou pintado, confeccionado em material translúcido e iluminado por trás.



“SUR”, exposição Entre Linhas, Parque Municipal de BH, Américo Renné Giannetti, 2014,



LABORATÓRIO FOTOGRÁFICO

Quando consegui me matricular na matéria “Laboratório de Fotografia” fiquei entusiasmada. Já sabia da qualidade do trabalho da professora Patrícia Azevedo, mas o mais importante é que eu estaria em contato direto com os processos químicos e o laboratório. Seria entrar de cabeça no universo químico-fotográfico. Além de aprender sobre os grandes mestres, os fotógrafos-artistas atuais, fazíamos uma análise sobre os processos químicos ao longo dos anos e estudávamos diversas técnicas possíveis de serem exploradas. Passada a parte teórica, mergulhamos na prática, em quatro meses de muita produção e experimentação.

Ao adentrar no escuro do laboratório conseguia notar a mudança da atmosfera. Todas as minhas percepções sensoriais mudavam: era a luz vermelha, o cheiro dos químicos, o silêncio. Até o tempo parecia correr diferente no relógio. Ao imergir o papel fotográfico no banho revelador, em segundos acontecia pura mágica. Aos poucos o papel branco se transformava em tons de cinza, preto, branco, ganhava cenário e vida. Era arrebatador para mim. Descobri no laboratório fotográfico a sensação de pertencimento, criei um respeito profundo por todos os processos que ocorrem naquele lugar. Trabalhos desenvolvidos, como cianotipia⁵, fizeram com que eu pela primeira vez gostasse realmente do que estava criando.

A importância do contato intenso com o laboratório me deu a confiança no caminho que queria de seguir. Encontrei um grande amigo e mestre durante esse período, o fotógrafo da UFMG e técnico Cléber Falieri. Ele me ensinou tudo que não aprendi nas aulas e estávamos sempre trocando figurinhas em relação à fotografia. Aprendi a preparar os químicos, a dominar a técnica e tinha o incentivo para me arriscar em experimentações.

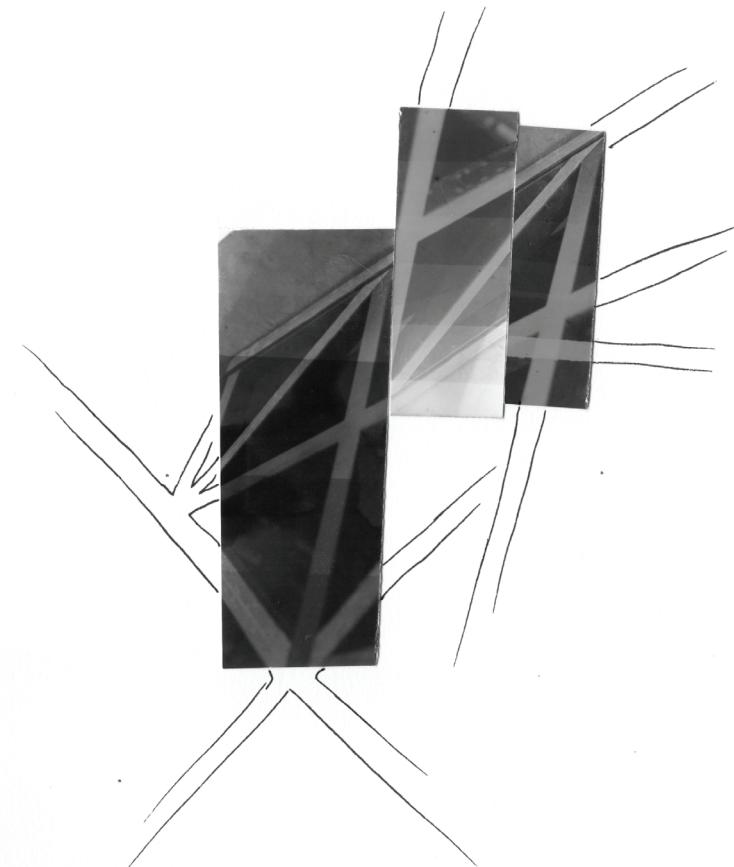
⁵ Cianotipia: é um processo de impressão fotográfica em tons azuis, que produz uma imagem em ciano, descoberto em 1842 pelo cientista inglês e astrônomo Sir John Herschel.

Entre 2015 e 2016 fui monitora no laboratório de fotografia. Em quatro semestres trabalhando ativamente, consegui realizar dois projetos, *Em contato* e *Imergir*.

O projeto *Em contato* surgiu devido ao meu incômodo com os descartes de muitas tiras de teste e photocópias que não eram consideradas “bem-sucedidas” pelos usuários do laboratório fotográfico. Comecei a apropriar-me desse material, resgatando-o da condição de descarte de processo, evitando assim o seu desaparecimento. Utilizando o recurso de fotomontagem⁶, desenho e escrita, surgiram novas paisagens, corpos e formas. Nesse processo, atuei como agente transformador, aproximando meu imaginário advindo da memória pessoal, a esses outros fragmentos de histórias alheias, conferindo a eles novos destinos e ressignificando-os.

Já o projeto *Imergir* surgiu através de experimentações e testes com diferentes composições, criei paisagens montadas, em uma série que foi apresentada em 2015 na exposição “DAR-A-VER, pesquisas fotográficas em andamento”, realizada pelos monitores do Espaço F da EBA.

Atualmente, a fotografia analógica é a minha principal forma de expressão e linguagem no universo artístico fotográfico. A série *Imergir* será o recorte e foco das minhas análises e palavras na continuidade do texto.

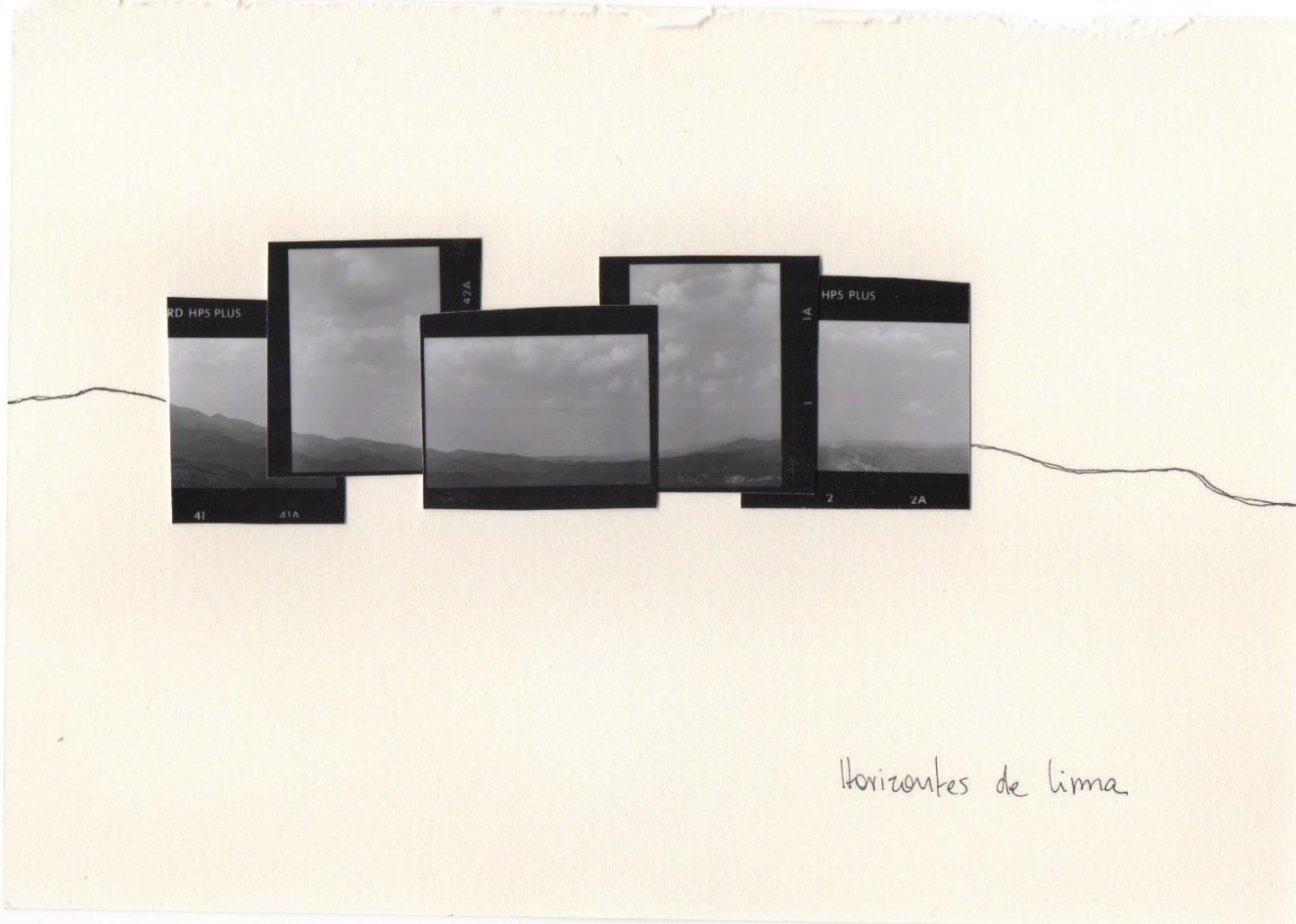


Em Contato, 2015.

⁶ É o processo e resultado, de se fazer uma composição fotográfica ao cortar e reunir um número de outras fotografias.



Em Contato, 2015.



Esboço com contatos positivos de uma *paisagem montada*, 2015.

PAISAGENS MONTADAS

Paisagens montadas. Esse foi o termo que escolhi para minhas composições fotográficas de paisagens, que posteriormente configuraria a série *Imergir*. O processo de criação das imagens, realizado através de montagens de fotos, torna cada *frame*⁷ do filme fotográfico uma parte de uma única paisagem.

A primeira vez que tive contato com um trabalho similar às *Paisagens montadas* foi através de um amigo, o Cauan Lana Bittencourt, estudante de arquitetura na UFV, no ano de 2012. Fiquei obcecada com aquele jeito de fotografar, aquela forma de fazer uma imagem. Apesar de haver ali uma totalidade na cena retratada, afinal conseguia enxergar a montagem de uma paisagem em que espaços em branco deixados na composição, despertaram-me curiosidade e interesse.

Descobri no final do mesmo ano o artista David Hockney, quem eu posteriormente descobriria ser uma referência no assunto, pioneiro nessa forma de fotografar e manipular as imagens. Tratava-se então do “Joiner”, um conceito fotográfico criado por Hockney, sendo uma composição de fotografia múltipla, retratando um objeto, pessoa ou lugar. Desta forma, o espectador consegue visualizar diferentes pontos de vista, conseguindo observar melhor os detalhes, por recortes variados e sentir a passagem do tempo na imagem. O artista consegue criar através da colagem de diferentes fotografias, uma narrativa. Quando conheci seu trabalho, apresentado por Patrícia Azevedo, vi sua aplicação realizada com maestria pelo artista.

⁷ Em português: quadro ou moldura. É cada um dos quadros ou imagens fixas de um produto audiovisual.



Fotografia joiner do Cauan Lana Bittencourt, 2011.

Sinto que o trabalho de Hockney tem dois momentos: um, quando ele busca o movimento e o tempo, principalmente em fotos de pessoas, e outro quando ele retrata uma paisagem, onde o excesso de fotos me leva a acreditar que ele busca todos os detalhes, para não perder a totalidade daquele olhar. Entre os *joiners* de Hockney e os meus, noto que a questão do movimento é distinta. Minha busca não é por captar o tempo e o movimento. Capturo paisagens estáticas, busco a solidão da paisagem, e sua força acontece no encontro de linhas e formas, na continuidade da proporção, numa brincadeira de quebra-cabeça. Ao contrário de Hockney, não busco completar todos os ângulos da paisagem. O que me intriga são os espaços que faltam, pois são neles que a imaginação me instiga e impulsiona.



Joiners do David Hockney, capturando tempo e movimento, e capturando todos detalhes de uma paisagem.

Outro artista que me influenciou com um trabalho de *joiners*, ainda que esse seja parte do seu processo de trabalho, foi o artista Mário Zavagli. Mário cria paisagens com foto-colagens para iniciar suas pinturas em aquarela. Ele fotografa a paisagem dessa forma, em busca de um horizonte maior, cada foto individualmente vem repleta de detalhes que não seriam perceptíveis ou visíveis em uma só foto, em um plano geral. A montagem de sua paisagem em *joiner*, permite a transferência da fotografia para o desenho e depois para a pintura com um controle impressionante. Achei interessante essa aplicação no processo de um trabalho, apesar de não serem feitas com intuito de se tornarem objeto artístico são entusiasmantes. No ano de 2016 comecei a fazer aulas de aquarela em seu ateliê e, em contatos semanais, pude acompanhar de perto a criação de suas belíssimas paisagens em aquarela.



Processo de criação das aquarelas de Mário Zavagli, uso de *joiners* como ponto de partida.

Meu processo de criação das *Paisagens montadas* se inicia ao definir o lugar a ser fotografado. Chegando lá, sigo andando de um lado para o outro até que decido: “será aqui”. Cravo então meus pés no chão e sem sair do lugar miro de um lado para o outro sem muita precisão, criando várias fotos dentro de uma única paisagem. Pego detalhes e partes servirão de união entre os fragmentos. Procuro na imagem, no cenário, linhas e formas que serão o elo entre cada *frame*, como em um quebra cabeça, quando se busca uma peça que complete a outra, nesse momento sinto que o pensamento desenvolvido nas artes gráficas atua. Apesar de intuitivo é nesse momento que enquadrão a paisagem em ângulos diversos, fazendo uma montagem mental do todo, cada detalhe é capturado e assim todos os *frames* se tornam um único cenário. A mudança da cor de uma foto para outra possibilita que a passagem do tempo seja notada. Uso a mesma exposição para toda a cena, entretanto, com a mudança nos ângulos a entrada de luz varia, dando assim um aspecto que, esteticamente, me agrada possibilitando fazer essa análise da luminosidade de um mesmo lugar, mas sob diferentes pontos de vista.

Terminada a fase de captação começa o processo de revelação. O trabalho do fotógrafo, muitas vezes e surpreendentemente, pode ser maior na pós-produção do que no ato do registro, como no caso de minhas montagens. A sequência de trabalho se dá basicamente nesse ritmo: vou para o escuro com o negativo na bobina; coloco a bobina no tanque lacrado e sigo para os banhos. Banho > revelador; banho > interruptor; banho > fixador > secagem do rolo negativo. O negativo deu certo? Se sim, sigo para o escuro. Coloco o negativo no ampliador, exponho o papel fotográfico à luz e tudo começa novamente... Banho > revelador; banho > interruptor; banho > fixador, água, varal... Mas não para por aí, ainda é preciso digitalizar as fotos e então, começa a fase do quebra-cabeça mencionado anteriormente: momento da montagem digital. Por fim, quando já impressa, lá está ela, a minha *Paisagem montada*.

A digitalização das fotos é um resgate desse universo digital que a princípio eu havia me distanciado. É a hora em que os dois universos, analógico e digital, se mesclam, quando coexistem com liberdade o melhor de cada uma dessas instâncias técnicas, proporcionando ao todo uma linguagem particular e autoral.



O uso da montagem digital mostrou-se uma solução mais eficaz depois de várias tentativas de fazer as colagens manualmente. Não ficava satisfeita com o resultado, por que, composta, a paisagem tinha que me trazer a sensação de completude que só parecia ser alcançada através da unidade fotográfica possível digitalmente. Então, ao aliar no processo o uso de diferentes técnicas, além de conferir precisão e riqueza de detalhes às imagens, a digitalização se tornou fundamental para finalizar o trabalho.

A impressão é a última parte da criação, pois coloca todos os elementos em um mesmo plano, criando então uma unidade para todas as fotos. Juntá-las cria um todo. Mais do que isso, são anulados vestígios de relevo, efeito que eu buscava ao experimentar as primeiras montagens feitas à mão. Agora tenho linhas mais evidentes, geometrias que valorizam o grafismo, uma planaridade da imagem, tornando-a uma superfície contínua e integrada. A imagem gráfica ganha vida.



1. Laboratório fotográfico.
2. *Paisagem montada finalizada.*
2. Contato fotográfico do filme negativo.



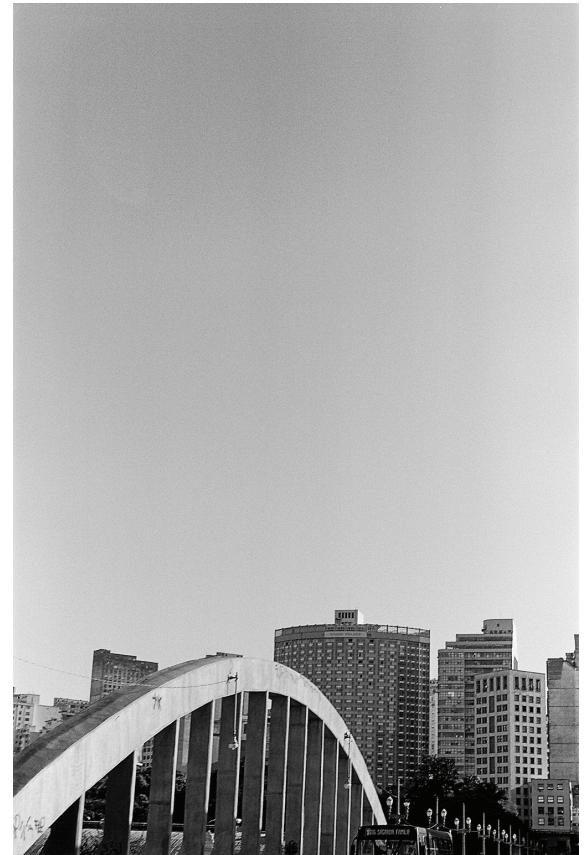
IMERGIR

*“Cartas, imergi-las
Fotos, imergi-las
Datas, imergi-las
Discos, imergi-los
Livros, imergi-los
Beijos, imergi-los
Rastros, imergi-los
Pro seu fim”*

O nome dessa série de fotografias sobre a qual discorrerei agora, foi dado inspirada pela música, *Imergir* do compositor Silva, gravada no álbum Claridão, de 2012. A música fala sobre um processo de voltar-se para dentro, para assim recomeçar. A primeira *Paisagem montada* que fotografei foi em um dia difícil para mim e pra uma pessoa querida. Ansiedade e tristeza estavam presentes e foi ao abraçar esses sentimentos que o cenário começou a mudar. Coloquei em ação a vontade de fazer essa montagem, de operar o filme, e então segui para o laboratório. Foi minha forma de dialogar com aquele momento. Nascia ali meu trabalho querido e também um sorriso nos olhos do meu bem. Meses depois, outras paisagens surgiram e quando precisei dar nome, a série *Imergir* se revelou e tudo fez sentido. O processo de sua construção começou assim: eu imersa no meu imaginário, produzindo, vivendo.

As primeiras paisagens da série foram locadas na cidade de Belo Horizonte, um tributo a essa terra que hoje ouso chamar de minha. São meus cartões postais, um registro afetivo por lugares que marcaram minha história e que resolvi eternizar. A estética do preto e branco trás consigo também um aspecto de memória, se relacionando de forma adequada ao método de registro da fotografia química analógica.

Para conseguir analisar mais de perto a poética da série, fiz também uma imersão na experiência vivida. Minha leitura pessoal da potência das paisagens é a da dualidade entre “o todo” e “a falta” inseridos nas imagens. De maneira geral podemos de dizer que o todo, o completo, aquilo que nada falta é impossível e inalcançável aos nossos olhos. Ao olhar para o céu, só nos resta imaginar o que está para depois das estrelas e como elas serão de perto. Ao olhar o horizonte no mar, só podemos imaginar o que há por trás da infinidade do oceano. E, da mesma forma que, em meus primeiros contatos com *joiners* me senti intrigada, com a vontade de completar mentalmente aqueles vazios gráficos, hoje sinto que no meu processo de criação, tenho que deixá-los, atendendo a uma



necessidade de respiro. O fator imaginação entra em ação e assim o expectador pode criar sua experiência individual a partir das ausências. A falta nos faz questionar, sair da inércia, ir para onde só ela é capaz de nos guiar.

O fotógrafo assim como o artista é capaz de, com sua sensibilidade, fazer seu recorte da vida, da cena, do detalhe. É capaz de, com imagens, comunicar-se com sensibilidades que não são alcançadas através da palavra. Esse trabalho para mim foi feito a partir de uma necessidade de expressar essa sensibilidade que a paisagem me provoca. Essa série não me traz respostas e sim questionamentos e inúmeras divagações. Finalizo esse texto e essa etapa tão importante da minha vida pensando: se o *frame* estivesse completo, poderíamos dizer que lá estaria o todo? Acredito que a vastidão do mundo está aí para dizer que não, que na paisagem sempre haverá, assim como no viver, uma busca, uma falta.

Sinto um carinho enorme por essa série pois ela fala sobre a minha história, do meu crescimento ao longo dos últimos 5 anos, da cidade que adotei, mas principalmente sobre como viver é um constante recomeço.

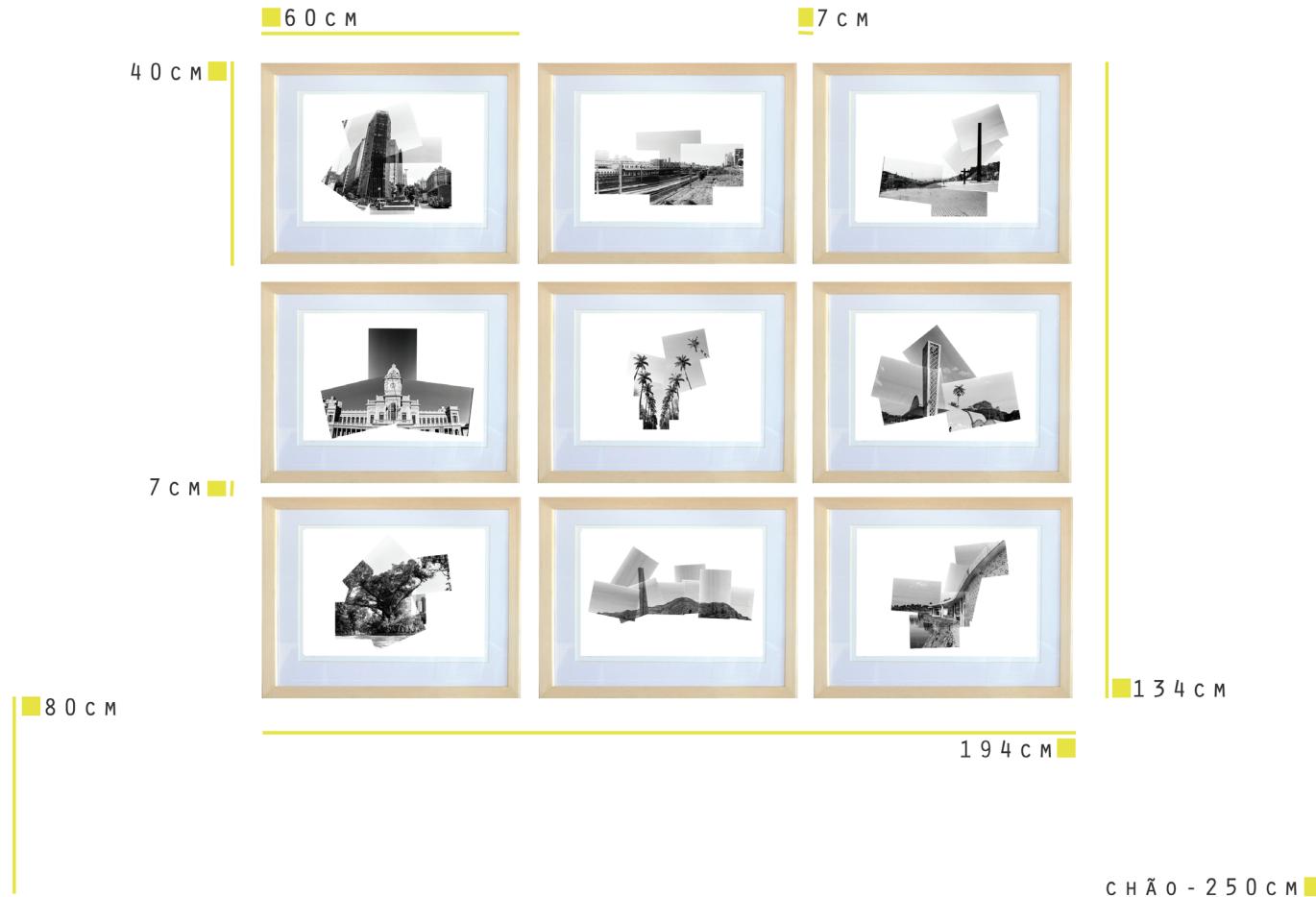
Imergir o papel no banho revelador, imergir na escuridão do laboratório, imergir dentro de minhas ideias, eu estava imersa pela primeira vez em um universo só meu.



Primeira Paisagem montada , começo da serie *Imergir*, Campus Pampulha UFMG, 2015.

NOME: LUIZA BONGIR
OBRA: SÉRIE "IMERGIR"

FICHA TÉCNICA:
FOTOMONTAGEM COM FILME 35MM PRETO E BRANCO,
IMPRESSÃO EM FINE ART.



MATERIAL PARA INSTALAÇÃO:
NECESSÁRIO 1 PARAFUSO BUCHA 8MM PARA CADA MOLDURA
TOTAL DE 9 PARAFUSOS PARA TODA INSTALAÇÃO

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter.

Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Editora Brasiliense, 2011.

CAMPANY, David.

Tudo sobre a fotografia. Rio de Janeiro : Editora Sextante, 2012.

FERNÁNDEZ, Alejandro Pérez-Duarte.

Guia arquitetônico de Belo Horizonte. Belo Horizonte : Editora C/ Arte, 2014.

RILKE, Rainer Maria.

Cartas a um jovem poeta. Porto Alegre: Editora L&PM, 2009.

ZAVAGLI, Mário.

Gravuras & Aquarelas" [catálogo de exposição]. Belo Horizonte : Minas Tênis Clube, 2015.

-

https://www.youtube.com/watch?v=cGtravb_0vY - David Hockney Joiners (acessado em : 10/10/2016)

<https://www.youtube.com/watch?v=sD123svCFHQ&spfreload=5> - David Hockney's Pearblossom Hwy (acessado em : 10/10/2016)

<http://www.hockneypictures.com/home.php> <http://www.comunidadeculturaearte.com/david-hockney-e-o-cubismo-fotografico/> (acessado em: 19/09/2016)

<http://www.mac.usp.br/mac/templates/projetos/seculoxx/modulo1/construtivismo/cubismo/futurismo/boccioni/index.html> (acessado em : 13/01/2017)

https://pt.wikipedia.org/wiki/Sensibilidade_fotogr%C3%A1fica (acessado em : 14/01/2017)

<http://www.lomography.com.br/about/faq/2396-qual-e-a-diferenca-entre-filmes-negativos-coloridos-e-slides> (acessado em : 14/01/2017)

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cian%C3%ADtico> (acessado em : 14/01/2017)

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Frame> (acessado em : 14/01/2017)

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Fotomontagem> (acessado em : 14/01/2017)

